

Este livro nos oferece, especialmente, a prazerosa oportunidade de apreciar um grande professor em ação. Quase podemos vê-lo, com sua simpatia, seu entusiasmo contagiante, ao transmitir o conhecimento adquirido em sua trajetória pela Filosofia, pela Teologia e pela Psicanálise. Sentimos o prazer com que compartilha com seus alunos a intimidade com as palavras, entendidas desde sua origem, especialmente quando grega ou latina. E a simpatia com que acolhe as intervenções dos discípulos, valorizando-lhes as contribuições, integrando-as no contexto de sua própria apresentação, sublinhando o parentesco com o tema que está sendo exposto, quase como se fossem uma floração natural a brotar do solo trabalhado no curso cujas anotações fornecem o material para este livro.

Material cuja elaboração para tornar-se livro não se sujeitou, porém, a um rigor externo, quer científico, quer literário, preferindo conservar o frescor da vivência na sala de aula, onde muitos temas são abertos e assim permanecem, realizando a imagem que o

Bion e o impulso de ir além

Resenha de Antônio Muniz de Rezende, *A metapsicanálise de Bion: além dos modelos*, Campinas, Papyrus, 1994, 240 p.

atravessa inteiro, como um *leit motiv*: a de um universo em expansão. Imagem que aproxima, analogicamente, o universo físico e o mental, numa relação continente-contido que se traduz em vida e pensamento. E como palavra atrai palavra, imagem atrai imagem, não temos como evitar a figura bíblica do sementeiro que saiu a semear...

Seu método é o da associação livre, mas a determinação não é dada pelo inconsciente, e sim pela vasta cultura, que vai desenrolando ao ouvinte ou leitor os elos de ligação que percebe entre Bion, Lacan, Freud, Merleau-Ponty, São João da Cruz, Lao Tsé, Drummond... Citações, poemas, relatos bíblicos enriquecem a apresentação, e o tema vai se desenvolvendo por 240 páginas e 9 capítulos, mais a conclusão.

O problema dessa manutenção tão fiel das aulas, além da falta de uma elaboração mais metódica, é a repetição por vezes exaustiva de frases e citações, que poderiam frequentemente ter sido substituídas por referências em rodapé, por exemplo, uma vez que o apelo à memória segue diferentes cursos em exposições orais e em texto escrito.

Isso, contudo, não retira do livro o clima entre estético e místico que consegue transmitir ao leitor. Este, caso esteja tendo seu primeiro contato indireto com as idéias de Bion, pode não chegar a sequer suspeitar da experiência emocional que quase lhe é imposta ao lê-lo diretamente. Porque os escritos de Bion possuem uma característica muito peculiar, intimamente relacionada com a sua concepção do que seja o pensar. Ele fala de uma passagem do caos à integração. Esta corresponderia menos à noção dialética de análise e síntese, pela neutralidade intelectual, assemelhando-se mais à noção kleiniana de alternância de posição entre a esquizo-paranóia e a depressão, o que implica uma alternância emocional entre ansiedade e segurança.

Rezende considera Bion didático, e computa possíveis dificuldades de leitura a uma não identificação, pelo leitor, do *universo de discurso* que formaria o contexto dessas afirmações. Para auxiliar nessa identificação,

Assim Yudith segue sua exposição fazendo da morte outro tipo de significação. A morte aparece multilocalizada e caminha ao longo da obra (p. 62); da morbidez ao encontro; do sombrio; inesperada; simplesmente aceita.

É com o locus da morte que a autora coloca morte e vida numa relação de tensão e a voz lírica enquanto símbolo dialógico. Intenciona-se sobre a

fornece seus conhecimentos em teologia e filosofia, expondo as idéias de Kant e de Eckhart em que Bion se inspirou. Esta valiosa contribuição se encontra especialmente nas páginas 166 a 170.

Permanece, contudo, a questão de saber se, além disso, a leitura dos textos bionianos não costuma mesmo ser difícil, requerendo paciência, senão a companhia de quem já tenha mais intimidade com eles, e se essa dificuldade não expressa metodologicamente a sua teoria sobre o *fato selecionado*. Teoria que diz ser o mundo um caos de estímulos devendo ser significados, e que precisa ser "contido" tolerando-se a ansiedade frente à dispersão, deixando-se perder pelas pistas caóticas, resistindo a traduzi-las apressadamente em modelos anteriormente conhecidos. Que o "fato selecionado" quando chega ordena tudo, com o esplendor do novo que não foi anunciado de fora, mas de dentro, tecido com a mesma angústia, as mesmas dúvidas, os mesmos tateios em direção à saída. Enfim, com o que caracterizou a fase precedente.

A "substância" é destacada como o locus maior no processo de criação da obra "panorama". Recomenda a "descrição" "história" e "poesia" a autora faz uma análise detalhada dos textos do poeta a partir da dualidade uma posição singular a sua ênfase em um núcleo dual de mais melancolia.

É com o locus da morte que a autora coloca morte e vida numa relação de tensão e a voz lírica enquanto símbolo dialógico. Intenciona-se sobre a

O "espaço entre o céu e a terra" é comparado ao espaço de uma loja: ela é vazia mas não se exerce em movimento não cessar

de produzir.

O contrário disso seria uma saturação prematura, onde o leitor se satisfaria em acumular conhecimentos já digeridos por outros, sem passar pelo processo de pensar os pensamentos que lhe são oferecidos, sem experienciar a relação continente-contido entre sua mente e as idéias lidas.

Outra interrogação que emerge é quanto ao uso peculiar do termo *metapsicanálise*, que ele mesmo admite não ser o convencional, ou seja, uma reflexão, após uma tomada de distância do objeto de conhecimento, freqüentemente uma disciplina, e assumindo uma natureza diferente desta. Assim, *metapsicologia*, *metalinguagem*, *metafísica* distinguindo-se de *psicologia*, *linguagem* e *física*. *Metapsicologia*, por exemplo, é um conjunto de constructos teóricos, portanto não observáveis na clínica nem abstraídos dela.

Metapsicanálise indica, porém, no livre nomear do autor, uma psicanálise que foi além de Freud e seus seguidores, em direção à Realidade Última. Não haveria aí um risco em se aplicar o sufixo *meta* a cada superar de modelos, levando a dizer, por exemplo, que a segunda tópica seja uma *metatópica*? A minha questão se refere mais particularmente a um perigo em supervalorizar a ruptura e afirmar que Bion já não faz mais psicanálise, como Laplanche afirma em *Novos fundamentos para a psicanálise*, por só considerar psicanalítico o estudo da sexualidade e do inconsciente, e não o do aparelho psíquico. E a psicanálise de Bion, se vai além e nos abre novos caminhos, não deixa de ser profundamente inserida na clínica, tanto nas atividades do paciente quanto nas do analista.

Nomenclaturas à parte, o que importa é a originalidade de Bion, que Rezende resume muito bem em sua página 122, item 7:

"Bion não se ocupa tanto do inconsciente, no sentido freudiano da palavra. Prefere ocupar-se da mente, metapsicanaliticamente, com mudança de vértice e entrada num outro universo, que não é simplesmente inconsciente, mas infinito, informe, sem nome - por ser muito maior que a própria percepção. Nesse sentido, ele nos desafia ao crescimento: há sempre mais, além do sabido."

Nesse sentido, o inconsciente não seria mais o lugar do recalçado que é preciso resgatar, trazendo à consciência, mas a "memória esquecida da criação" que é preciso recuperar para que o paciente seja novamente capaz de utilizar criativamente seus pensamentos, ou seja, para que possa pensá-los. Para tanto, o analista deve se colocar em *estado negativo de mente* e ser capaz de utilizar-se da *linguagem de êxito*, conceitos que Rezende explica muito bem.

Outra ruptura que justificaria o título do livro seria a mudança de vértice operada por Bion, desviando a atenção da dupla analítica do modelo médico da cura para a busca do desenvolvimento da personalidade, apesar das resistências que costuma despertar em ambos os participantes, uma vez que o crescimento implica na derrubada de todo um estado de coisas, o que é sentido como catastrófico:

A mudança catastrófica em psicanálise é quando paciente e analista descobrem que o universo pode ser outro. Um universo diferente daquele que foi construído mediante experiências recalçadas, defensivamente. Todos nós construímos um universo que, no entanto, pode ser transformado. Só que semelhante transformação é dolorosa, uma vez que, se esse mundo vier abaixo, nós é que desmoronamos. Para mudar, precisamos de muita coragem e fé. (p. 180)

Este livro nos coloca em contato com as idéias de Bion a respeito de "estar de acordo com a evolução", não resistindo aprioristicamente às transformações que se nos apresentam, quer na vida pessoal, quer na teoria em que depositamos nossas crenças. E nos ensina que "transformar é simbolizar" (p. 172). Mas Bion foi ainda mais disruptivo, ensinando que pode haver transformações em alucinação, contribuição valiosa que não encontrou lugar nesta visão místico-poética.

A ameaça de catástrofe é contida com a fé na evolução - lembrando que o ato de fé, em Bion, é uma atitude científica, nada tendo a ver com crença ou superstição. E embora a mente seja incognoscível, enquanto coisa-em-si ou realidade última, é importante mesmo assim buscá-la, ciente de que o importante não é conhecer, mas ser.

Maria Emília Lino da Silva é Doutora em Psicologia, professora de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - PUC/SP e PUCCAMP. Autora de *Pensando o Pensar com W.R. Bion*.